

## MÍDIA E CLIMA ENTRE AGRICULTORAS CONVENCIONAIS E NÃO CONVENCIONAIS GAÚCHAS

*MEDIA AND CLIMATE AMONG CONVENTIONAL AND NON-CONVENTIONAL FARMERS IN RIO GRANDE DO SUL*

*MEDIOS Y CLIMA ENTRE AGRICULTORAS CONVENCIONALES Y NO CONVENCIONALES EN RIO GRANDE DO SUL*

Gabriela Schmalfluss Borges <sup>1</sup>  
gabischmalfluss@gmail.com

Liliane Dutra Brignol <sup>2</sup>  
liliane.brignol@ufsm.br

### RESUMO

O artigo discute os resultados de pesquisa exploratória com agricultoras de base convencional e não convencional do Sul do Rio Grande do Sul realizada em 2025. Com a aplicação de formulário com questões objetivas fechadas e abertas, buscou-se compreender o consumo de mídia e apreender suas percepções iniciais sobre a crise climática. As considerações integram uma das etapas de uma tese em andamento que visa compreender como tais trabalhadoras se informam e quais são suas percepções sobre o clima. A referência teórico-metodológica são os estudos culturais latino-americanos, em especial a teoria de usos sociais da mídia (Martín-Barbero, 1997). Os dados evidenciam a internet como referência de informação e a descrença de cerca de um terço das agricultoras sobre a existência de mudanças climáticas na atualidade.

**Palavras-chave:** Consumo de mídia. Crise climática. Agricultoras.

---

<sup>1</sup> Doutoranda (bolsista CAPES) e mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Santa Maria - RS), atuando na linha de pesquisa Mídia e identidades contemporâneas. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, São Leopoldo - RS).

## ABSTRACT

This paper discusses the results of exploratory research conducted in 2025 with conventional and non-conventional female farmers in southern Rio Grande do Sul. Using a questionnaire with closed and open-ended questions, the study sought to understand media consumption and their initial perceptions of the climate crisis. These considerations are part of an ongoing thesis aimed at understanding how these workers obtain information and what their perceptions of the climate are. The theoretical and methodological framework is based on Latin American cultural studies, especially the theory of social uses of media (Martín-Barbero, 1997). The data highlight the internet as a primary source of information and the disbelief of approximately one-third of the female farmers regarding the existence of climate change today.

**Key words:** Media consumption. Climate crisis. Female farmers.

## RESUMEN

Este artículo analiza los resultados de una investigación exploratoria realizada en 2025 con mujeres agricultoras convencionales y no convencionales, del sur de Rio Grande do Sul. Mediante un cuestionario con preguntas cerradas y abiertas, el estudio buscó comprender el consumo de medios y sus percepciones iniciales sobre la crisis climática. Estas consideraciones forman parte de una tesis en curso cuyo objetivo es comprender cómo estas trabajadoras obtienen información y cuáles son sus percepciones sobre el clima. El marco teórico y metodológico se basa en los estudios culturales latinoamericanos, especialmente en la teoría de los usos sociales de los medios (Martín-Barbero, 1997). Los datos resaltan internet como fuente principal de información y la incredulidad de aproximadamente un tercio de las mujeres agricultoras respecto a la existencia del cambio climático en la actualidad.

**Palabras clave:** Consumo de medios de comunicación. Crisis climática. Mujeres agricultoras.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o consumo de mídia e as percepções iniciais de agricultoras sobre a crise climática, termo que sintetiza um conjunto de eventos que coloca a natureza e a vida humana em risco, tais como o aumento da temperatura da Terra, a maior frequência e gravidade de eventos extremos e as alterações no ciclo das estações.

O conceito ganhou maior popularidade em 2019 (Carrington, 2019), quando cientistas divulgaram um manifesto afirmando que, a partir daquele momento, a crise já estava instaurada e deixava de ser apenas uma possibilidade (Ripple et al., 2020). Assim, a crise climática passou a ser compreendida como um ponto de não retorno diante das mudanças do clima provocadas pelas ações humanas.

É importante destacar que o entendimento sobre a urgência dessas mudanças se transformou ao longo do tempo. Embora cientistas observem a situação desde o início do século XX, ele era então tratado como parte de ciclos naturais. O quadro começou a mudar nos anos 1970, quando ecologistas e pesquisadores passaram a demonstrar preocupação com o aquecimento global, um dos principais efeitos das mudanças climáticas (Loose e Moraes, 2018).

A mídia, ocupando um papel importante como espaço em que acontecimentos são repercutidos (França, 2012), tem fundamental importância na amplificação do fenômeno da crise climática, considerado “o desafio multilateral de nossa época”, com impactos “em todas as áreas da atividade humana” (Nações Unidas, 2021).

Conforme aponta Eloisa Beling Loose, no caso específico do jornalismo profissional, “a imprensa possui um papel-chave ao amplificar ou silenciar não só os temas, mas suas causas, consequências e respostas” (2024, p. 23). Ou seja, cabe à comunicação, além de alertar sobre a urgência e gravidade dos problemas ambientais, também informar a população do que “nos trouxe até aqui e como podemos tentar minimizar os impactos e evitar cenários ainda piores” (Loose, 2024, p. 23).

Mas para além da atenção necessária em como a mídia comunica - tema que ainda tem sido pouco explorado pelas pesquisas nos últimos anos - nos interessa saber como as pessoas compreendem tal cenário. Assim, os dados discutidos neste texto

foram obtidos a partir da aplicação de um formulário a trabalhadoras rurais gaúchas, de etnia pomerana, de São Lourenço do Sul, nos meses de outubro e novembro de 2025. Buscamos dialogar com agricultoras de base convencional, ou seja, que utilizam agrotóxicos em sua produção; e de base não convencional, ou seja, que evitam o uso de tais produtos na lavoura.

A aplicação do formulário integra a etapa exploratória de uma pesquisa de doutorado desenvolvida por Gabriela Schmalfluss Borges junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação de Liliâne Dutra Brignol, com previsão de conclusão em 2028. Com foco qualitativo, a tese trata-se de um estudo de recepção midiática com foco no fluxo comunicacional (Ronsini, 2004) das interlocutoras. Filia-se aos estudos culturais latino-americanos, em especial, à teoria de usos sociais da mídia, proposta por Jesús Martín-Barbero (1997).

Tendo como base parte dos dados coletados para a tese, na primeira parte deste artigo apresentamos a lacuna de pesquisa frente aos estudos comunicacionais acerca do tema. Em seguida, abordamos características do município e do grupo escolhido para a investigação. Na sequência, detalhamos os aspectos metodológicos considerados para a construção do formulário, quais critérios adotados na escolha das interlocutoras e como ocorreu a efetiva aplicação do documento, discutindo os resultados obtidos. Finalizamos com os encaminhamentos para próximas etapas da investigação.

## 2 CRISE CLIMÁTICA E OS USOS SOCIAIS DA MÍDIA

Ao longo de sua trajetória, Martín-Barbero (1997, 2018) reconheceu os receptores como sujeitos ativos no processo comunicacional e, por isso, destacou que as formas de relação dos indivíduos com os meios de comunicação são múltiplas. Nessa perspectiva, defendeu a existência de filtros mediadores, as “mediações”, que estariam presentes tanto no processo de produção de conteúdos midiáticos, como no processo de recepção dessas mensagens.

Na presente pesquisa, buscamos por respostas orientadas pelas mediações de **socialidade, identidade, tecnicidade e institucionalidade**, trazidas pelo autor em diferentes momentos de sua trajetória, baseando-nos na realidade investigada, que trata

de processos interpretativos de mulheres agricultoras, que vivem em comunidades rurais. Dentro de tal contexto, avaliamos que as apropriações das interlocutoras são atravessadas tanto pela tradição, quanto pela contemporaneidade. Além de serem abordadas teoricamente, as mediações selecionadas são incorporadas nas etapas metodológicas da pesquisa, sendo consideradas, por exemplo, na elaboração das questões que compõem o formulário que discutimos neste artigo.

O estudo visa estabelecer a articulação entre os estudos de comunicação ambiental e os estudos de consumo/recepção no Brasil, a partir de uma questão emergente (crise climática) que traz impactos à população mundial. O grupo investigado é de mulheres que dependem da natureza como fonte de subsistência. A escolha leva em consideração os poucos estudos que relacionam mudanças climáticas e mídia, identificados durante a realização do nosso Estado da Arte<sup>3</sup>. Percebemos que, quando existem, as pesquisas vinculam-se à esfera da produção, isto é, não entrevistam o público, voltando a sua atenção para os próprios jornalistas ou suas fontes, como especialistas.

Sobre as pesquisas específicas de audiências, ou seja, investigações que se interessam pelos processos de recepção, usos e consumo de mídia por parte de sujeitos, não foram encontradas pesquisas acerca de mudanças climáticas até 2025 no Brasil. A maioria dos trabalhos brasileiros de usos/consumo/recepção sobre comunidades rurais que já existem (assim como as pesquisas que envolvem gênero, de maneira geral)

---

<sup>3</sup> 1) Investigamos os últimos dez anos de produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e da BDTD, com buscas: "mulheres rurais" ou "camponesas" ou "mulheres do campo" + "crise climática" ou "mudanças climáticas"; "rural" + "mudanças climáticas" ou "crise climática"; "rural" + "mudanças climáticas" ou "crise climática" com "mídia"; "mulheres" a "mudanças climáticas" e/ou "crise climática"; "São Lourenço do Sul" + "mudanças climáticas" e/ou "crise climática"; "São Lourenço do Sul" e, "mulheres pomeranas". 2) Verificamos a sistematização de pesquisas do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (GPJA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) disponíveis até o ano de 2022 no site do GP. 3) Consultamos os quatro volumes da série de livros "Meios e Audiências", voltados às pesquisas de consumo e recepção de mídia, e 4) Verificamos os trabalhos apresentados nas últimas cinco edições (2024 a 2020) dos Grupos de Trabalho (GTs) "Comunicação, Gêneros e Sexualidades" e "Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias" nos anais do congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), principal evento acadêmico da área da comunicação.

detêm-se em como os interlocutores constroem sua identidade e se sentem representados a partir dos produtos midiáticos.

## 2.1 Grupo investigado

O município de São Lourenço do Sul<sup>4</sup> situa-se no Sul do Rio Grande do Sul. Sua população é composta por cerca 42 mil habitantes, sendo que aproximadamente metade vive na zona rural (IBGE, 2024). Localizado à beira da Lagoa dos Patos, tem sido atingido por eventos climáticos recorrentes, como ciclones<sup>5</sup>, chuvas de granizo, ventos e períodos de seca<sup>6</sup>.

Em 2024, também foi um dos municípios diretamente impactados pelas enchentes de abril e maio no Rio Grande do Sul, considerado o maior desastre natural da história do estado e um dos maiores do Brasil, com chuvas sem precedentes em duração, intensidade e alcance (Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico, 2025). Tais situações impactam negativamente a produção rural, responsável por 60% do seu Produto Interno Bruto (PIB), principalmente com as culturas de fumo, milho, arroz e soja (São Lourenço do Sul, 2023).

Entre as comunidades que compõem o território de São Lourenço do Sul, destaca-se a presença de descendentes pomeranos, reconhecidos como povo tradicional pelo Governo Federal (Ministério do Meio Ambiente, 2022). Originários da antiga Pomerânia, região atualmente dividida entre Alemanha e Polônia, o grupo mantém uma histórica relação com a agricultura e com o trabalho na terra, aspecto que permanece relevante mesmo diante da crescente inserção das gerações mais jovens em atividades urbanas.

Além disso, os descendentes pomeranos estão inseridos em uma região cuja ocupação histórica foi marcada pela intensa utilização dos recursos naturais. Conforme

---

<sup>4</sup> De acordo com dados do IBGE, o município tem PIB per capita de R\$40.953,00 e índice IDHM de 0,687. A escolarização atinge 99,71% da população de 6 a 14 anos. O salário médio dos trabalhadores é de 2,3 salários mínimos. Tem predominância do bioma Pampa e pertence ao sistema Costeiro-Marinho brasileiro. A taxa de arborização de vias públicas é de 89,94% e de urbanização, 19,1%. Cerca de 50% da população tem rede de esgoto sanitário. Dados disponíveis em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-lourenco-do-sul/panorama>> Acesso em 12 jun. 2026

<sup>5</sup> Disponível em <<https://abre.ai/obEl>> e <<https://abre.ai/obEp>> Acesso em 25 nov. 2025

<sup>6</sup> Disponível em <<https://abre.ai/obEn>> Acesso em 29 nov. 2025

apontado por Roche (1969a, 1969b), os processos de colonização agrícola ocorreram sem maiores preocupações com a conservação dos solos e das florestas, produzindo impactos ambientais percebidos ao longo das gerações. Esse histórico conecta as experiências locais a debates contemporâneos sobre degradação ambiental, sustentabilidade e mudanças climáticas.

Outro aspecto relevante é que São Lourenço do Sul integra uma das regiões do Rio Grande do Sul mais afetadas por eventos hidrometeorológicos extremos. As enchentes de 1941 e de 2024 atingiram fortemente áreas de colonização germânica, evidenciando a recorrência de fenômenos climáticos que afetam diretamente os modos de vida rurais.

Neste contexto, incorporam-se, também, questões de gênero. Compreendendo que os mercados capitalistas necessitam, para continuarem existindo, de relações sociais não mercantilizadas, como a exploração/expropriação do trabalho de reprodução da vida, associado às mulheres no presente caso, e a exploração/expropriação da natureza (Fraser e Jaeggi, 2020), nossa pesquisa escolhe voltar a sua atenção às mulheres agricultoras. A decisão considera que na etapa atual do capitalismo, o grupo lida com a sobreposição das duas crises (crise climática e crise do cuidado) e as transformações ambientais, em um contexto rural, afetam diretamente o seu cotidiano e perspectivas de futuro.

Ainda que as mulheres pomeranas que integrem a pesquisa compartilhem traços em comum, como a ruralidade, o gênero, a etnia e o município de residência, a forma com que cada grupo se relaciona com a terra - seja por escolha própria ou por necessidade - é diferente. É possível afirmar que, enquanto a agricultura convencional reproduz uma lógica dominante e extrativista, trazendo prejuízos ao meio ambiente; a agricultura de base não convencional tem uma visão integrada e preza pela sustentabilidade dos sistemas produtivos (Rosset et al., 2014).

Assim, torna-se pertinente investigar como as mulheres descendentes de pomeranos interpretam tais transformações ambientais, quais sentidos atribuem à crise climática e de que maneira essas percepções são constituídas a partir de suas experiências cotidianas e dos processos comunicacionais que atravessam seus territórios. Para tanto, ao analisar grupos com produções agrícolas distintas, a pesquisa

visa entender se há ou não divergências entre as percepções sobre a crise climática entre as mulheres vinculadas à agricultura convencional e à agricultura não convencional, considerando o seu consumo midiático e seus posicionamentos.

Os principais benefícios que esperamos, com a tese, é conhecer os padrões de consumo de mídia e os fluxos informacionais entre as interlocutoras da pesquisa; compreender como as agricultoras acessam e interpretam informações midiáticas sobre a crise climática e eventos climáticos extremos, analisando se e como tais informações guiam suas decisões no trabalho no campo, e viabilizar contribuições aos pares profissionais, especialmente no que se refere à cobertura climática, possibilitando indicar como é a leitura das interlocutoras sobre o conteúdo consumido atualmente e quais linguagens aproximam ou afastam as agricultoras do debate sobre o clima.

## 2.2 Definições metodológicas

Como informado anteriormente, o presente formulário exploratório integra o desenho metodológico de uma tese de doutorado. Sua aplicação funcionou como um mapeamento preliminar às próximas etapas da pesquisa, que articula diferentes técnicas de coletas.

O documento, constituído de 22 questões, foi aplicado presencialmente. As questões foram divididas em três eixos, sendo eles: 1) Dados sociodemográficos; 2) Recepção e consumo de mídia, e 3) Percepção da crise climática. Optou-se por um formato sintético, com respostas pré-definidas, em que as interlocutoras pudessem escolher entre as opções existentes. Especialmente as perguntas sobre consumo de mídia adotaram um formato de seleção livre, possibilitando que elas indicassem mais de uma alternativa. Em algumas perguntas, no entanto, não foram elencadas opções pré-definidas, possibilitando que cada interlocutora dissesse o que produzia ou, caso participasse de alguma instituição, a qual se vinculava, por exemplo.

A amostragem foi intencional, sem pretensão de representatividade estatística, reforçando o caráter exploratório do estudo. Foram adotados os seguintes critérios de seleção das participantes: 1) era necessário que fossem maiores de idade; 2) que atuassem ou tenham atuado grande parte da vida como agricultoras, ainda que não realizem exclusivamente essa atividade ou já tenham se aposentado; 3) que residissem

em São Lourenço do Sul, e 4) que não compusessem o círculo próximo de relações de quem realiza a pesquisa.

Definimos dois locais para a realização da aplicação do formulário, sendo eles a Feira Livre Municipal e uma festa de comunidade religiosa. Os espaços foram escolhidos por reunirem um grande número de agricultoras do município com descendência pomerana, possibilitando a obtenção de um maior número de dados em espaço e tempo reduzido.

Estipulou-se a meta de aplicação de 20 formulários em cada contexto, porém junto à Feira encontramos apenas 15 respondentes que se enquadraram no perfil buscado.

Na feira, abordamos todas as presentes, descartando aquelas que não se encaixaram nos critérios de seleção, por não residirem em São Lourenço ou não terem vinculação com a agricultura, por exemplo. Na festa, foi possível aplicar 19 formulários a agricultoras que se enquadraram no perfil, antes da realização do almoço e das apresentações musicais previstas. Abordamos mulheres que sem homens ao redor e que se mostraram receptivas a responder o formulário, descartando também as que também não se encaixavam nos critérios de seleção, pelos mesmos motivos anteriores. No total, obtivemos 34 formulários aplicados.

Adotamos uma linguagem simples e os questionamentos foram feitos em voz alta pela pesquisadora, que fez o preenchimento do formulário de acordo com as respostas das mulheres consultadas, devido ao baixo grau de escolaridade entre mulheres pomeranas agricultoras, constatado por pesquisa anterior de dissertação de mestrado (Borges, 2023).

O tempo de aplicação girou em torno de 5 a 7 minutos, visando não sobrecarregar as respondentes, que em muitos casos estavam trabalhando ou em momentos de lazer, frequentemente de pé, o que exige uma aplicação mais rápida. O nome e o contato de cada participante foi questionado apenas para possibilitar um contato para futura entrevista, mas tal informação não foi utilizada na mensuração dos dados, que foram analisados em conjunto e de forma anônima.

### 2.3 Contexto de Pesquisa

A **Feira Livre de São Lourenço do Sul**<sup>7</sup> acontece regularmente nas manhãs de quartas-feiras e sábados na Praça Central Dedê Serpa, na zona urbana, desde o início da década de 1980. A maior parte dos produtos ofertados nas bancas é proveniente da própria unidade de produção familiar, sendo que, eventualmente, também são comercializados produtos de vizinhos, amigos ou familiares de agricultores. Os principais gêneros oferecidos são verduras, frutas, ovos, queijo, banha, carne de porco e frango, geleias, pães, bolachas. Algumas bancas também comercializam flores e suculentas.

Uma pesquisa<sup>8</sup> feita por alunos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG identificou que 22 bancas compunham a feira em 2023, sendo que metade delas eram inteiramente agroecológicas ou adotavam um sistema ecológico. Das 22, apenas duas não se consideravam parte da agricultura familiar; sendo que seis se definiam como agroecológicas, cinco de sistema ecológico e o restante de sistema convencional, mas tentavam reduzir a quantidade de insumos. Ainda no ano de 2023, eram 45 trabalhadores envolvidos na comercialização na feira, com idades que variavam de 15 até 65 anos, sendo que a grande maioria tinha mais de 45 anos. Entre os feirantes, 25 eram mulheres e 20 homens.

Durante a aplicação de nosso formulário junto à feira, no mês de outubro de 2025, identificamos 20 diferentes bancas. Realizamos a aplicação em dois dias, sendo eles 8 de outubro (quarta-feira) e 25 de outubro (sábado). Todas as bancas estavam presentes no sábado, mas apenas quatro na quarta-feira. Das 20 bancas existentes, realizamos a aplicação com 13, uma vez que sete bancas não se enquadravam com o perfil que desejávamos: ou comercializavam frutas e verduras, mas eram compostas somente por homens; ou eram compostas por mulheres, mas estas não se consideravam agricultoras, pois comercializavam apenas carnes, bolachas, pães, folhagens e vinhos.

A feira já era um espaço frequentado rotineiramente por quem desenvolve a presente pesquisa, o que facilitou a aproximação com as feirantes. Optamos por realizar

---

<sup>7</sup> Um vídeo feito por um morador da região auxilia a compreender como se dá a dinâmica da feira. Disponível em <<https://youtu.be/jsZipCl3mnA>> Acesso em 25 nov. 2025

<sup>8</sup> Disponível em <<https://abre.ai/obEw>> Acesso em: 7 out. 2025

o pedido de participação na parte final da feira, quando o movimento já havia diminuído. Todas as interlocutoras interpeladas aceitaram participar da pesquisa. Ao todo, foram 15 formulários aplicados junto às agricultoras presentes nas 13 bancas.

O outro local escolhido para realização da segunda parte de aplicação dos formulários foi a **Festa da comunidade evangélica livre Cristo Redentor de Santa Tereza**<sup>9</sup> realizada no dia 9 de novembro de 2025 na localidade de Santa Tereza, 3º distrito de São Lourenço do Sul. A festa é realizada anualmente, iniciando pela manhã e se estendendo até à noite.

O primeiro registro de uma festa de comunidade luterana é de 1935. Os encontros eram, inicialmente, realizados para celebrar inaugurações de novas edificações da Igreja, angariar fundos, ou comemorar a colheita, mas ainda não seguiam calendário específico. Com o tempo, passaram a acontecer regularmente, uma vez por ano, sempre aos domingos, com o cuidado entre as comunidades para que as datas não tenham colidência (Iepsen, 2024).

Uma festa tradicional da comunidade luterana tem início pela manhã, com culto festivo e almoço, que consiste em sopa de galinha, seguido de buffet livre ou espeto de churrasco acompanhado de saladas. A programação continua à tarde, onde é servido café. Enquanto isso, simultaneamente, são realizados diversos jogos e sorteios de rifas, além de apresentações de corais, seleção de soberanas e novo casal festeiro. Atrações musicais também se apresentam, tocando bandinha, estilo musical típico germânico (Iepsen, 2024).

A festa de Santa Tereza foi escolhida por ser comumente frequentada por familiares da pesquisadora. Embora no presente dia tenha comparecido sozinha para realizar a aplicação dos formulários e não conhecesse as mulheres interpeladas, o fato de já ter aproximação com tal contexto e pessoas próximas de referência facilitou o contato e o aceite das respondentes em contribuir com a pesquisa.

Optamos por realizar a aplicação do questionário pela manhã, no intervalo entre o culto festivo e o almoço. No dia, chamou atenção que a maioria das mulheres presentes se reunia em grupos exclusivamente femininos. Sentadas, conversavam ou

---

<sup>9</sup> Dois vídeos feitos por moradores da região auxiliam a compreender como se dá a dinâmica do evento. Disponível em < [https://youtu.be/zCoxf5Hh\\_W8](https://youtu.be/zCoxf5Hh_W8) > e < <https://abre.ai/obl8> > Acesso em 25 nov. 2025

observavam o movimento, sem consumir bebidas alcoólicas. Os homens também se reuniam, majoritariamente, em grupos exclusivamente masculinos, geralmente em pé, próximos à copa, onde faziam o consumo de bebidas alcoólicas.

### 3 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

Entre as 34 agricultoras consultadas, apenas uma não se considerava de origem pomerana, mas é casada com homem que é. Todas as interlocutoras definiram que sua ocupação principal é a agricultura, ainda que algumas tenham parado a atividade recentemente, devido ao avanço da idade. No caso específico das feirantes, por vezes, algumas também ficam mais responsáveis por tarefas como produção de panificados ou organização e venda dos produtos, devido à divisão de tarefas entre a família ou entre o grupo de agricultores que compõe a banca na feira. As feirantes se dedicam ao cultivo de alimentos (15), já entre as agricultoras presentes na festa, fumo (13 menções) e milho (12) são as culturas em destaque, junto à soja (4), feijão (2) e casca de arroz/silagem (1).

Não questionamos a idade de cada interlocutora, apenas a faixa etária que cada uma se encaixava. A maior parte das mulheres consultadas é idosa, com 60 anos ou mais (15), e grande parcela tem entre 45 e 59 anos (13). Poucas mulheres estão nas faixas de 35-44 (2) e 25-34 anos (4). Não encontramos nenhuma agricultora dos 18 aos 24 anos.

Na feira, a maior parte (9) é vinculada a uma produção não convencional, sem o uso de agrotóxicos na lavoura. Já na festa, das 19 respondentes, 16 afirmam utilizar produtos químicos na produção. As três que não utilizam já são aposentadas e, quando atuavam, produziam feijão (3), milho (2), soja (2) e fumo (1). Considerando os dois contextos investigados, foram consultadas 22 interlocutoras de base convencional e 12 de base não convencional.

Todas as interlocutoras presentes na festa - que majoritariamente atuam com a agricultura convencional - trabalham com o mesmo tipo de produção há 20 anos ou mais. Entre as agricultoras feirantes, o tempo de atuação é mais variado: 8 trabalham mais de 20 anos na atividade, 4 de 10 a 20 anos, e 3 de 5 a 10 anos. Das 34 interlocutoras consultadas, 27 afirmam ter vínculo com alguma instituição. O número é

mais expressivo entre as agricultoras presentes na festa (17 de 19) do que entre as feirantes (10 de 15).

Entre as instituições citadas, estão Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de São Lourenço do Sul (17 menções), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater/RS (11), Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul - Coopar (4), Universidade Federal do Rio Grande - FURG (3), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Senar (3), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa (2), Empresa Fumageira (2) e Cooperativa Sul-Ecológica<sup>10</sup>. Verifica-se a predominância de mulheres vinculadas à produção convencional com o Sindicato, enquanto mulheres vinculadas à produção não convencional são ligadas à universidade, à instituição de pesquisa e ou à cooperativa ecológica.

**Tabela 1** – Síntese da Amostra

<b>Interlocutora</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>O que produz</b>	<b>Utiliza agrotóxicos</b>	<b>Vínculos institucionais</b>
1	60 ou +	Soja, milho	Não	Nenhum
2	60 ou +	Arroz	Não	FURG/Sindicato
3	60 ou +	Alimentos	Não	Nenhum
4	60 ou +	Alimentos	Não	Emater/FURG/Cooperativa Sul-Ecológica/Embrapa
5	25 a 34	Alimentos e panificados	Não	Nenhum
6	35 a 44	Alimentos	Não	Emater
7	60 ou +	Soja, milho e fumo	Não	Nenhum

<sup>10</sup> Cooperativa que congrega os produtores ecologistas da microrregião de Pelotas. Em 2014, congregava 150 famílias cooperadas, que produziam alimentos seguindo os princípios da Agroecologia. Disponível em < <https://abre.ai/objC> > Acesso em 9 nov. 2025



8	60 ou +	Milho, feijão	Não	Emater
9	45 a 59	Alimentos	Não	Emater/FURG
10	25 a 34	Alimentos	Não	Emater/FURG
11	45 a 59	Alimentos e panificados	Não	Sindicato/Senar
12	60 ou +	Alimentos	Não	Nenhum
13	45 a 59	Fumo	Sim	Emater/Fumageira
14	60 ou +	Fumo, Milho	Sim	Sindicato/Coopar
15	45 a 59	Fumo, Milho	Sim	Sindicato/Emater
16	45 a 59	Fumo	Sim	Sindicato/Fumageira
17	60ou +	Fumo	Sim	Sindicato/Emater
18	45 a 59	Fumo/Milho	Sim	Sindicato/Coopar
19	25 a 34	Fumo/Milho	Sim	Sindicato/Coopar
20	60 ou +	Fumo	Sim	Sindicato/Emater/FetraF/Coopar
21	60ou +	Feijão	Sim	Sindicato
22	45 a 59	Casca de arroz	Sim	Sindicato
23	45 a 59	Soja/Milho	Sim	Sindicato
24	60 ou +	Fumo/Milho	Sim	Sindicato
25	60 ou +	Fumo	Sim	Sindicato
26	60 ou +	Soja/Milho	Sim	Sindicato
27	45 a 59	Fumo/Milho	Sim	Sindicato

28	45 a 59	Fumo/Milho	Sim	Sindicato
29	45 a 59	Alimentos	Sim	Nenhum
30	45 a 59	Alimentos	Sim	Senar
31	45 a 59	Alimentos	Sim	Emater
32	60 ou +	Alimentos	Sim	Emater/Embrapa
33	25 a 34	Alimentos	Sim	Senar
34	35 a 44	Alimentos	Sim	Nenhum

**Fonte:** Autoras.

Em relação ao consumo de mídias, é notável a prevalência da internet frente a outros meios de comunicação. Questionadas sobre quais meios utilizam com mais frequência, as interlocutoras tinham a opção de mencionar mais de uma opção, mas a internet foi citada por 28 das 34 interlocutoras. Meios tradicionais, como a televisão e o rádio apareceram no segundo e terceiro lugares. Os materiais impressos, assim como verificados em pesquisa anterior (Borges, 2023), não são comuns no campo, e não foram mencionados nenhuma vez.

**Figura 1** – Meios de comunicação



**Fonte:** Autoras.

Sobre o tempo de uso da mídia em geral, 24 agricultoras afirmaram utilizar até 2h por dia, nove até 4h e uma até 6h. O volume é menor que a média brasileira, que em

2024 chegava 9h13min<sup>11</sup> apenas para o uso da internet. O tempo de uso é mais extenso entre as agricultoras de base convencional. Conteúdos voltados ao entretenimento interessam de 27 agricultoras. Notícias são mencionadas por 13. Esportes, cultura e educação recebem uma menção cada. Segundo elas, tais assuntos costumam ser acessados, principalmente, pelo celular (28 menções), seguido pela televisão (13), o rádio (10) e o computador (1). Os materiais impressos, novamente, não foram mencionados.

A maioria apontou as redes sociais online, especialmente o Facebook (22 menções), como suas fontes de informação de referência. Pessoas próximas como vizinhos e familiares, assim como a TV, receberam 5 menções. O Whatsapp recebeu 3 menções. Rádio, Google e associações/sindicatos têm uma menção cada.

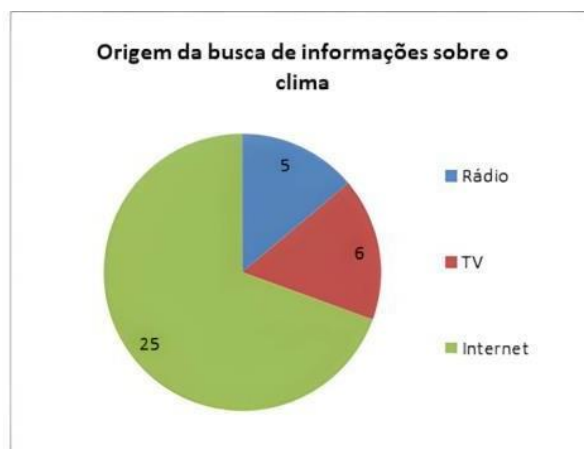
**Figura 2** – Referência de informação



Fonte: Autoras.

No eixo “Percepção da crise climática”, apenas uma interlocutora afirmou não buscar informações relacionadas ao clima, enquanto todas as demais sim. A internet é a principal fonte de informações sobre o assunto, citada 25 vezes, seguida da TV (6) e do rádio (5).

<sup>11</sup> Dados do relatório Digital 2024: Brasil estão disponíveis em <<https://abre.ai/objD>> Acesso em 28. nov. 2025

**Figura 3** – Informações sobre o clima


Fonte: Autoras.

Quando ocorre alguma situação climática de emergência no município, como enchentes, granizo ou temporais, as redes sociais online, especialmente o Facebook, continuam sendo sua primeira referência de informação, com 19 menções, seguida pela televisão, com 14 menções. Pessoas próximas como vizinhos e familiares receberam 5 menções. Chama atenção que o rádio - por muito tempo consolidado como um meio de comunicação imediata - perde o espaço entre as agricultoras em uma situação de crise, que o mencionaram apenas duas vezes.

Ainda que a credibilidade das mídias acessadas seja algo a ser questionado nas próximas etapas da pesquisa, os dados obtidos acerca a referência geral de mídia das agricultoras, assim como sua referência em caso de emergência climática, podem ser comparados aos resultados da pesquisa nacional Credibilidade das Mídias<sup>12</sup>, conduzida pelo grupo Valor Econômico e divulgada em abril de 2025.

O relatório indica que as redes sociais ocupam o topo da frequência de acesso dos brasileiros, com 74%, embora detenham apenas 41% de confiança. O segundo lugar é ocupado pelos aplicativos de mensagens, como WhatsApp, que registram 73% de frequência de acesso e 51% de confiança. A TV aberta, por sua vez, apresenta uma combinação mais equilibrada, com 65% de acesso e 69% de confiança. Chama atenção que o rádio e a mídia impressa, que se destacam pela credibilidade que demonstram aos

<sup>12</sup> Disponível em < <https://abre.ai/obl9> > Acesso em 29 nov. 2025

entrevistados (81% de confiança, no caso do rádio, e 68%, no caso da mídia impressa) são os que menos têm acesso, com 47% e 41%, respectivamente.

**Figura 4** – Meio de comunicação de referência



**Fonte:** Autoras.

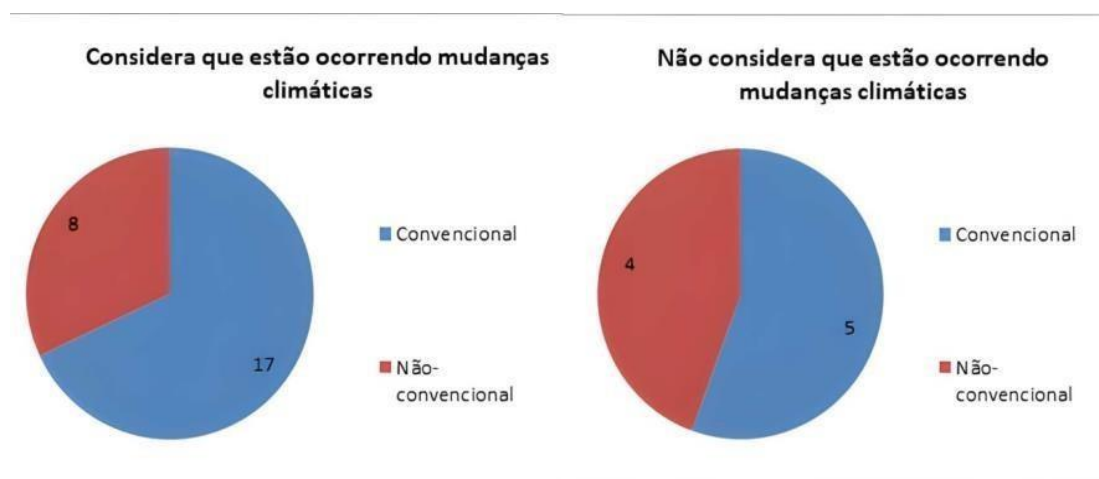
Todas as interlocutoras afirmaram que seu trabalho é diretamente afetado pelo clima, citando situações de falta de água, de excesso ou falta de chuvas e de ventos fortes que estragam a produção. Porém, ainda que vinculadas à natureza pelo fator social e econômico, nove das 34 agricultoras (35%) não disseram não acreditar que estão ocorrendo mudanças climáticas, e afirmaram que as flutuações do clima sempre existiram.

Entre as feirantes, nove concordaram com a ocorrência de tais mudanças e seis não. Entre as que concordaram, cinco são de base não convencional e quatro de base convencional. Já entre as que negaram as mudanças, quatro são de base não convencional e duas de base convencional. Na festa, 16 interlocutoras concordaram com a existência de mudanças climáticas, enquanto três não concordaram, sendo que estas estão vinculadas a uma agricultura de base convencional.

Considerando a totalidade de agricultoras de base não convencional que responderam ao formulário (12), um terço destas (4) disse não considerar que estão ocorrendo mudanças climáticas. Já entre as agricultoras de base convencional, o número caiu para 22%, ou seja, cinco respondentes. Nas próximas etapas da pesquisa,

procuraremos entender tal aspecto que, por si só, já chama atenção, percebendo se as agricultoras compreendem as mudanças como naturais (Loose e Moraes, 2018), ou se há, de fato, um negacionismo climático.

**Figura 5** – Concordância com mudanças climáticas



**Fonte:** Autoras.

Das 34 interlocutoras, 31 negaram participar de grupo que discuta questões climáticas. Duas agricultoras de base convencional indicaram que discutem sobre o tema com a família, e uma agricultora agroecológica disse dialogar sobre tais assuntos com a FURG. Entre as interlocutoras que agora não participam de nenhum grupo de discussão, uma disse já ter abordado tais assuntos entre os próprios feirantes, e uma afirmou que participava de reuniões junto à Cooperativa Sul-Ecológica, que foram desarticuladas em função da pandemia de Covid-19.

Questionadas se já receberam alguma informação ou orientação institucional sobre mudanças climáticas, 21 disseram que não. Entre as 13 que afirmaram receber, 7 são de base convencional e 6 de base não convencional. Todas as agricultoras de base convencional que disseram receber informações e orientações sobre o tema indicaram os instrutores de fumo, que vão até suas propriedades, contratados pelas empresas fumageiras a qual escoam a sua produção. Já as agricultoras de base não convencional indicaram que tais assuntos são pautados e trazidos a elas pela FURG e pela Emater.

Em relação à interferência dos meios de comunicação em seus processos decisórios no campo, 18 afirmaram considerar que informações recebidas pela mídia

influenciaram em decisões que elas precisaram tomar em seu dia-a-dia e rotina de trabalho, enquanto 16 (47%) consideraram que não. Entre as que levaram em consideração orientações da mídia para suas decisões no campo, 14 caracterizam-se com a produção convencional e quatro com a não convencional. Já entre as que afirmaram que não há interferência, oito são de base convencional e oito de base não convencional.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, detalhamos os dados obtidos com a aplicação de um formulário exploratório a mulheres agricultoras pomeranas, de São Lourenço do Sul, com produção convencional e não convencional. Consideramos que a aplicação possibilitou delinear um panorama inicial do território a ser investigado, mapear o consumo de mídia das agricultoras e suas percepções iniciais sobre a crise climática.

Em relação ao perfil, notamos que a maioria das respondentes são mulheres maduras ou idosas, que atuam há muitos anos com agricultura, principalmente de base convencional. A produção convencional se dá especialmente a partir das monoculturas do fumo e do milho, expressando-se em um cultivo homogeneizado. Já a produção não convencional é orientada para o cultivo de alimentos, porém, sem uma ruptura efetiva com o modelo de produção hegemônico.

De maneira introdutória, também percebemos pistas de como as mediações socioculturais de sociabilidade, identidade, tecnicidade e institucionalidade atuam no cotidiano das mulheres investigadas. Os próprios lugares onde foram aplicados os formulários indicam aspectos relativos à sociabilidade das interlocutoras. No caso da feira, há apenas uma banca formada só por mulheres. Nos demais casos, elas costumam dividir espaço com familiares. Durante a aplicação, houve interrupções por parte dos homens, assim como elas próprias pediram auxílio a eles para responder determinadas questões. Já na festa, os gêneros se dividiam no espaço em dois grandes nichos - homens jogando e bebendo, enquanto as mulheres ficavam juntas, cuidando das crianças.

No que se refere ao uso da mídia, percebe-se a consolidação da internet no campo e novas formas de acesso e consumo de conteúdos a partir de smartphones por parte das agricultoras. O movimento foi constatado por Borges (2023), mas ainda estava em processo de introdução em Gall (2019) e era incipiente em Schwartz (2012). Atualmente, as redes sociais online, especialmente o Facebook, e o Whatsapp são as principais referências de informação das trabalhadoras do campo, inclusive em situações de emergência. A internet, igualmente, é a principal via de acesso na busca de informações sobre o clima. Nesse contexto, a também TV continua ocupando um importante espaço, ao contrário do rádio, que deixa de ser referência em caso de urgência.

Isso indica mudanças em como a tecnicidade se expressa nessa nova dinâmica, o que será aprofundado em etapas mais qualitativas da pesquisa, que preveem a observação participante e a realização de entrevistas. Ou seja, para além do uso do aparelho em si, buscaremos entender como isso constrói “novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escrituras” (Martín-Barbero (2010, p. 49). Também pretendemos compreender como se dá a relação destas mulheres com as plataformas, espaços forjados por questões políticas e econômicas, e orientadas por um discurso de manutenção do sistema atual.

Embora ligadas a instituições, não é comum que nesses espaços, ou em outros grupos, as agricultoras se reúnam para discutir questões climáticas. Quando recebem informações e orientações sobre como lidar com o clima, os assuntos são trazidos pela FURG e Emater, no caso das agricultoras de base não convencional, e pelas empresas fumageiras, no caso das agricultoras de base convencional.

Mesmo que as agricultoras busquem informações sobre o clima, cerca de metade delas afirmaram que as informações obtidas pela mídia não influenciam suas decisões cotidianas ou sua rotina de trabalho. Entre as que não levam em consideração as orientações da mídia, a maior parcela é vinculada à agricultura de base não convencional. Todas agricultoras também disseram que o trabalho é totalmente afetado por questões climáticas, ainda assim, há divergências sobre a existência ou não de mudanças climáticas, principalmente entre agricultoras de base não convencional.

As mulheres demonstraram grande ligação com o campo e geralmente têm vínculo a alguma instituição de trabalho, pesquisa ou extensão rural. Neste sentido, vale ressaltar também a incorporação do discurso das indústrias fumageiras junto ao cotidiano das agricultoras, servindo como uma das suas principais fontes de informação, especialmente no que diz respeito à questão climática. Considerando que tais empresas são orientadas por uma visão hegemônica de desenvolvimento, é necessário compreender como tal situação se reflete nas decisões e na visão de mundo das agricultoras, principalmente a partir do tipo de desenvolvimento (Loose, 2024) que se vinculam.

Os resultados nos fornecem caminhos interessantes para compreender melhor como se dá o entendimento delas sobre a natureza, que podem ser exploradas a partir dos eixos de identidades e institucionalidade. O cenário sugere que a experiência do dia a dia com eventos climáticos não resulta, necessariamente, na concordância com explicações advindas da Ciência ou da mídia sobre o tema. Neste sentido, fatores culturais e históricos, como a forma de instalação e de identificação do grupo, junto de questões institucionais, como o vínculo a instituições - entre elas, religiosas - podem orientar a produção de sentidos sobre as transformações ambientais.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (Brasil). **As enchentes no Rio Grande do Sul: lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente**. Brasília: ANA, 2025. 57 p.

BORGES, Gabriela Schmalfluss. **Consumo e identidades de trabalhadoras rurais pomeranas e quilombolas do sul do Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2023.

CARRINGTON, Damian. **Climate crisis: 11,000 scientists warn of ‘untold suffering’**. The Guardian, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://abre.ai/obJz>. Acesso em: 24 jun. 2025.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 24, dez. 2012, p.10-21

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica**. Boitempo Editorial, 2020.

GALL, Joana. **Mulher rural: consumo e comunicação nas roças de Camboriú/SC**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2019.

IEPSEN, Airton Fernando. **Pomeranos em São Lourenço do Sul: Narrativas, memórias e tradições**. São Paulo: Pragmatha, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Panorama: São Lourenço do Sul**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov>> Acesso em: 24 jul. 2024

LOOSE, Eloisa Beling; MORAES, Cláudia Herte de. Mudanças do clima (e de pauta!). In: Ilza M. T. Girardi; Cláudia H. de Moraes; Eloisa B. Loose; Roberto V. Belmonte. (Org.). **Jornalismo Ambiental - teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 111-124.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalimos e crise climática: um estudo desde o Sul Global sobre os vínculos do jornalismo com a colonialidade**. Florianópolis: Insular, 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. Introducciones a De los medios a las mediaciones. In: RINCÓN, Omar (org.). **Pensar desde el Sur. Reflexiones acerca de los 30 años de De los medios a las mediaciones de Jesús Martín-Barbero**. Bogotá: Fes Comunicación, 2018. p.16-54

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Portal Ypadê. **Site oficial do Ministério do Meio Ambiente**. Disponível em <<http://portalypade.mma.gov.br/>> Acesso em: 14 fev. 2022

NAÇÕES UNIDAS. Crise climática impõe riscos à paz e à segurança; ONU pede ações mais robustas. **Nações Unidas Brasil**, 24 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/113523-crise-clim%C3%A1tica-imp%C3%B5e-riscos-%C3%A0-paz-e-%C3%A0-seguran%C3%A7a-onu-pede-a%C3%A7%C3%B5es-mais-robustas>. Acesso em: 24 jun. 2025.

RIPPLE, W.; WOLF, C.; NEWSOME, T.; BARNARD, P; MOOMAW, W.; et al. World Scientists' Warning of a Climate Emergency. **BioScience**, v. 70, n. 1, p. 8–12, jan. 2020. Disponível em: < <https://abre.ai/obJy>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 1v

\_\_\_\_\_. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. 2v

RONSINI, Veneza. **Entre a capela e a caixa de abelhas: identidade cultural de gringos e gaúchos**. EDIPUCRS, 2004.

ROSSET, J.S.; COELHO, G.F.; GRECO, M.; STREY, L.; GONÇALVES JUNIOR, A.C. Agricultura convencional versus sistemas agroecológicos: modelos, impactos, avaliação da qualidade e perspectivas. **Scientia Agraria Paranaensis**, v. 13, n. 2, p. 80-94, 2014. <https://doi.org/10.18188/sap.v13i2.7351>. Acesso em 04 nov. 2025

SÃO LOURENÇO DO SUL. **História da cidade**. Disponível em: <https://www.saoulourencodosul.rs.gov.br/portal/servicos/1001/historia-da-cidade> . Acesso em: 20 fev. 2023.

SCHNEIDER, Maurício. **Identidades em rede: um estudo etnográfico entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes**. – Pelotas : Ed. UFPel, 2017. 217 p.: il. – (Pós-Graduação, v.2).

SCHWARTZ, Clarissa et al. **Relações de Gênero e Apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação na Agricultura Familiar de Santa Maria-RS**. 2012. Tese (Doutorado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

SEIBEL, Ivan. Os pomeranos brasileiros. In: SEIBEL, I. et al. In: **O povo pomerano no Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2016, p.31-45

*Original recebido em: 30 de novembro de 2025*

*Aceito para publicação em: 31 de maio de 2026*

### *Gabriela Schmalfluss Borges*

Doutoranda (bolsista CAPES) e mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

### *Liliane Dutra Brignol*

Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, Santa Maria - RS), atuando na linha de pesquisa Mídia e identidades contemporâneas. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, São Leopoldo - RS).



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional